

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO IRAQUIANO: UMA VÍTIMA ESQUECIDA

Marcelo Rede*

Nos debates sobre a guerra do Iraque, tem-se falado abundantemente das possíveis conseqüências econômicas globais de um ataque norte-americano, assim como das inevitáveis alterações na configuração de forças no Médio-Oriente. Tais preocupações econômicas e geopolíticas são, evidentemente, justificáveis. Uma outra esfera, no entanto, não tem recebido a devida atenção: o impacto do conflito sobre o patrimônio histórico iraquiano.

Não se trata de pouca coisa. Se alguma vez a expressão '*Berço da Civilização*' teve sentido, foi justamente para designar o conjunto de sociedades que compuseram a antiga Mesopotâmia. A região que corresponde hoje ao moderno Iraque viu, há alguns milênios, surgirem os primeiros esforços humanos para a domesticação dos animais e a realização da agricultura. Foi nas planícies banhadas pelos rios Eufrates e Tigre que surgiram as primeiras cidades da história. E, ao que tudo indica, a primeira vez que o homem colocou uma língua por escrito, isso se deu em Uruk. Assim, alguns fenômenos matriciais do que se convencionou chamar de '*civilização*' tiveram seus primeiros balbucios no antigo território iraquiano. Embora milenares, esses processos deixaram suas marcas na paisagem, na forma de centenas de cidades, palácios, templos, quarteirões residenciais que hoje formam os *tells*, as colinas que encobrem os resíduos arqueológicos de uma experiência histórica singular. Somam-se a isso os milhões de tablets de

* Professor de História Antiga da UFF e doutorando em assiriologia na Universidade de Paris-Sorbonne. Integra, como membro estrangeiro, o Laboratório de História e Arqueologia do Oriente Cuneiforme do CNRS de Nanterre.

E-mail: mrede@uol.com.br

argila em que os antigos sumérios, assírios e babilônios registraram em sua escrita cuneiforme desde simples contratos de compra e venda de terras e escravos, atos de casamento, herança, adoção, até os mais antigos textos literários da humanidade. Trata-se do maior conjunto de escritos antes da invenção da imprensa por Gutemberg, e um número incalculável deles encontra-se ainda no subsolo iraquiano.

Os atentados contra esse patrimônio fazem parte da história da região. A situação de perigo, portanto, não é nova. Grande parte dos objetos e textos conhecidos dos especialistas e do público provém de escavações clandestinas. No início do século XX, o sítio de Senkereh, a antiga cidade-reino de Larsa, foi de tal modo saqueado pelos beduínos que sua superfície parecia um campo de batalha. Nos inícios dos anos 30, uma intervenção da aviação foi necessária para abrir terreno para os arqueólogos profissionais. Os tablettes clandestinos foram parar no mercado de antiguidades antes de serem comprados por grandes museus europeus e norte-americanos.

Mesmo as expedições oficiais dos primeiros tempos da arqueologia pareceram-se mais com saques impiedosos. Monumentos inteiros foram removidos e enviados para algumas capitais ocidentais. A grandiosa Porta de Ishtar de Babilônia encontra-se hoje em Berlin; os murais em relevo dos palácios assírios, em Londres; Os touros alados de Khorsabad podem ser vistos no Louvre, ao lado da famosa estela do código de Hammurabi. Durante a época em que o Iraque fazia parte do Império Otomano, as autorizações de escavações eram dadas mediante o envio de uma parte do butim para os museus de Istambul e Ankara. Em 1932, com o país já independente, uma lei de proteção das antiguidades nacionais limitou a sangria: a partir de então, o resultado das escavações deveria ficar em território iraquiano.

A tumultuada história política recente da região, com seus conflitos étnicos e religiosos, guerras e golpes de estado, também contribuiu para o agravamento do problema. A guerra Irã-Iraque (1980-1988) e a guerra do Golfo (1990-1991) resultaram em destruição e paralisaram os cuidados de manutenção e a exploração científica por duas décadas. No intervalo entre os dois conflitos, muitas missões estrangeiras retornaram ao país, mas os trabalhos não duraram. Nos últimos anos, arqueólogos e historiadores voltaram a campo. O Museu de Bagdad, que fora parcialmente evacuado durante os intensos bombardeios da capital, estava sendo reestruturado, a duras penas devido à falta de recursos e pessoal qualificado. Os alemães voltaram a escavar Assur, uma das capitais do Império Assírio, cujo sítio está

parcialmente ameaçado de inundação devido à construção da barragem de Makhul. Os franceses enviaram uma expedição a dois sítios na região do Sindjar, ao norte. Um grande colóquio internacional foi organizado no país para celebrar a invenção da escrita. O novo quadro de tensão ameaça interromper uma vez mais todos os esforços.

Quando se fala em destruição do patrimônio histórico, as atenções concentram-se normalmente sobre os estragos imediatos da guerra. Evidentemente, eles não são negligenciáveis. A poucos metros do sítio de Babilônia, ergue-se um dos palácios de Saddam Hussein. Tais construções são suspeitas de acobertar laboratórios de pesquisa bélica, depósitos de armas e munição ou refúgios militares. Um ataque a tais alvos certamente causaria danos aos monumentos vizinhos. No último conflito, arqueólogos forneceram aos militares um mapeamento dos sítios históricos a serem evitados, mas até mesmo a precisão de pontaria de um bombardeio cirúrgico tem seus limites, como ficou demonstrado. O fato de os Estados Unidos não serem signatários da convenção de Haia da ONU, de 1954, sobre a proteção do patrimônio histórico em caso de conflito armado faz crescer ainda mais os receios de uma ação catastrófica. A situação é agravada pelo fato de que boa parte do patrimônio cultural iraquiano é subterrâneo, formado por cerca de dez mil sítios repertoriados. Numa região em que faltavam a pedra, a madeira e os metais, a antiguidade viu surgir uma verdadeira civilização da argila. Na antiga Mesopotâmia, nada existiu de comparável às sólidas pirâmides egípcias ou aos templos em mármore gregos ou romanos. O grosso dos resíduos é formado pelo acúmulo contínuo de construções em tijolos de argila. Atualmente, esses verdadeiros depósitos de informações sobre o passado formam montículos na paisagem árida. No calor da batalha, nem sempre é fácil distinguir entre um inofensivo sítio arqueológico e um abrigo camuflado de bateria antiaérea.

No entanto, são os efeitos mais prolongados dessa situação de beligerância que, embora menos espetaculares, causam os danos mais consideráveis. Em primeiro lugar, o empobrecimento geral do país, em particular após o bloqueio comercial, diminuiu os já escassos recursos aplicados na preservação e administração do patrimônio cultural. Um único vigia é responsável pelo gigantesco sítio de Ur (a cidade de Abraão, segundo a Bíblia)! O isolamento do Iraque tem efeitos igualmente perversos. Várias gerações de competentes arqueólogos iraquianos foram formadas no exterior, na Europa e também nos Estados Unidos, mas esse fluxo foi quase extinto depois da

guerra do Golfo. Por outro lado, as expedições dos países ocidentais, antes responsáveis pelos principais avanços no estudo da história da região, rarearam e correm risco de extinção. Sem sítios a escavar, as missões debandam para países vizinhos, em particular a Síria. E sem novos materiais de estudo, os interesses dos pesquisadores e das instituições também se orientam para outros horizontes.

Não é, portanto, apenas a guerra em si que causa preocupação. Há muito tempo, a situação já é suficientemente grave. Ao estabelecer as zonas de exclusão aérea ao norte do paralelo 36 e ao sul do paralelo 32, a ONU limitou drasticamente o poder de atuação das autoridades de Bagdad. O norte é uma zona predominantemente ocupada pelos curdos. O sul é controlado por grupos xiitas que se opõem ao regime de Saddam. No vácuo administrativo, a exploração ilegal dos sítios foi encorajada e o mercado negro proliferou. Mas a ONU não se preocupou em estabelecer uma política consistente de proteção do patrimônio histórico nessas regiões. Os resultados são lamentáveis: nos últimos meses, o mercado de antigüidades viu uma verdadeira inundação de tabletes provenientes de Umma, antiga cidade suméria perto do golfo Pérsico e cujo sítio jamais fora escavado cientificamente. Um caso escandaloso chamou a atenção da comunidade científica internacional: os famosos relevos do « palácio sem rival » de Senaqueribe, em Níneve, foram largamente saqueados e muitos fragmentos já estão circulando no mercado de antigüidades.

O valor do patrimônio histórico iraquiano excede as fronteiras do país e de seu regime. Os objetos e textos que o compõem são fundamentais no esclarecimento de questões cruciais para o entendimento do passado de toda a humanidade. Se a relevância desse argumento for reconhecida, teremos um motivo a mais para clamar pela paz no Médio-Oriente.